

RELIGIOSIDADE DO ÍNDIO BRASILEIRO NO CANDOMBLÉ DA BAHIA: INFLUÊNCIAS AFRICANA E EUROPÉIA

Carmem Ribeiro

Concluinte do curso de Iorubá do CEAO

CANDOMBLÉ-DE-CABOCLÔ

No Estado da Bahia, particularmente em Salvador, existem terreiros de candomblé onde o culto é exclusivamente dedicado aos índios brasileiros. São os chamados *candomblés-de-caboclo*. Assemelham-se em grande parte, ao candomblé tradicional, introduzido pelos africanos, existindo pequenas diferenças quanto aos rituais, danças e cânticos; porém, no que tange ao acompanhamento musical, ou seja, ao toque dos atabaques, agogôs ou cabaças, há quase que uma igualdade entre o rito africano e aquilo que se denomina *feira-de-caboclo*.

Se observarmos com atenção, podemos notar as diferenças. Talvez por causa do convívio mais prolongado entre o índio e o nativo de Angola, no seu sentido mais amplo, fundiu-se em alguns pontos o ritual, muito embora, diga-se de passagem, nada tem a ver um com o outro. A ressalva quanto a essa aculturação do índio com o africano de Angola prende-se ao fato do ritmo dos cânticos e dos toques terem muito a que se equipararem, porque, dentre todas as nações que para aqui vieram supomos que o povo banto foi quem mais gozou da amizade do nativo brasileiro; as outras não puderam impor aos índios aquilo que trouxeram, principalmente em relação à religião.

A maioria das "casas" chamadas de candomblé-de-caboclo obedece a um calendário diferente daqueles nas quais se realizam "festas" de orixás, inquices ou voduns, embora em alguns terreiros, e, porque não dizer na maioria deles haja uma data reservada para o culto aos caboclos, independente das festas tradicionais africanas. Acreditamos que o motivo de render homenagem aos caboclos, prende-se ao fato de ser costume na África a inclusão do ancestral no centro das atenções. As homenagens são prestadas isoladamente, independente de outros cultos devotados ao panteão africano.

Algumas pessoas confundem o candomblé-de-caboclo com o candomblé-de-angola. Para o caboclo há realmente um ritual específico, com todas as obrigações referentes à matança de animais, mesa-de-frutas, a uma bebida especial preparada com vinho e uma planta chamada *jurema*,

etc. Algumas casas cultuam os índios fazendo a chamada sessão-de-jiro, a qual é também acompanhada de cânticos e palmas pelos presentes, dando a impressão de um candomblé, porém difere desse pelo fato de não ter por complemento os instrumentos de percussão e pelos rituais serem independentes, existindo um para cada "função" isoladamente. As sessões-de-jiro tanto diferem do candomblé, como também das sessões no estilo Kardecista, do que falaremos depois.



Cerimônia ritual de candomblé de caboclo. (Arquivos de CEAO)

Nos terreiros-de-caboclos ou nas "casas" onde se cultuam os índios, em determinadas épocas, é costume enfeitar-se o *barracão* com bandeirolas de papel, lembrando os tons da Bandeira Brasileira, e samambaias, plantas preferidas pelos índios, que, na decoração, produzem grande efeito. Em muitos terreiros, a festa principal realiza-se no dia 2 de julho, data da Independência na Bahia, conotação feita em homenagem à participação efetiva dos índios na luta contra os portugueses nas batalhas travadas na época, ficando o fato histórico relacionado com o lado religioso no âmbito dos candomblés.

A beleza das festas-de-caboclo está concentrada na vestimenta confeccionada com plumas coloridas quando os incorporados aparecem, tendo como paramentos arco e flexa, cabaças, etc., formando um conjunto muito rico em criatividade. Entretanto, nem todos os caboclos se vestem com penas. Há uma tribo dos chamados Boiadeiros, que se trajam exclusivamente de couro cru, usam chapéu do mesmo material, portam *guiada* — corda e lança — e o seu grito de guerra é abôio. lembrando os vaqueiros no campo levando a boiada. Os cânticos desses caboclos são um pouco diferentes, no sentido dos versos que só falam em gado, porém as suas obrigações se igualam às dos outros.

No desenrolar das "festas" pode-se observar que os movimentos das danças e os cânticos são tirados em sua maioria pelos próprios caboclos,

muitos deles primando pelo improviso dos versos, variando com aquilo que o índio quer transmitir à assistência. Existem muitos índios que, ao se incorporarem nos *filhos-da-casa*, emitem recados ou *sotaques* com enredo certo e, quem é dono da carapuça, põe na cabeça.

Até hoje não se sabe ao certo quem introduziu na estrutura existente, entre nós, o candomblé-de-caboclo nem como e porque foram fundadas "casas" que só se dedicam exclusivamente ao culto dos índios. Supomos que houve, na realidade, uma dissidência dentro do próprio candomblé-de-angola, surgindo daí o desligamento quanto às entidades que seriam cultuadas, passando a ser o índio o elemento ativo dentro do culto. Futuramente talvez haja uma explicação para o fato. O que todos podem observar é a grande semelhança quanto às "festas" de candomblé-de-angola e as de caboclo, ressaltando-se algumas coisas das quais já falamos linhas atrás.

A constituição de um terreiro de candomblé-de-caboclo sofreu a influência do africano, tendo em vista haver os cargos de ogã e equede, pessoas escolhidas dentro da comunidade, com as mesmas responsabilidades dos similares de outras nações africanas de candomblé. Dentro da estrutura desses terreiros, a hierarquia é idêntica ao rito africano. Não sabemos as razões da assimilação, pois em grande parte nada tem a ver um com o outro; talvez se prenda ao fato da própria dissidência a que já nos referimos.

Segundo consta, nos terreiros que cultuam caboclos, não se pratica o ritual de raspagem de cabeça. No que tange ao "assentamento" de caboclo, em geral é feito isoladamente, fora de casa, consistindo sempre em uma cabana indígena ou mesmo uma casinha com todas as características específicas. Ali são colocados os objetos sagrados pertencentes ao culto e, na época das obrigações, todo ritual é concentrado naquele ambiente. Entretanto, existem alguns terreiros onde o "assentamento" dos caboclos é feito em pés de árvore, de acordo com a escolha do caboclo chefe-da-casa. Quando é feita a matança, os animais são levados para preparo, e, posteriormente servidos aos presentes. Conforme é sabido, índio não come sal, nem azeite-de-dendê. Ambos não fazem parte da mesa dos caboclos, e as iguarias preparadas, para serem colocadas no "assentamento", não levam esses condimentos.

Como é do conhecimento geral, os caboclos gostam das matas, e lá são depositadas as oferendas que lhes são destinadas. Convém lembrar que nos "assentamentos" dos caboclos sempre se encontra uma imagem de índio, em vulto ou pintado em painéis e quadros a óleo, o mesmo acontecendo com as caboclas e índios meninos. É de praxe também se colocar uma Bandeira Brasileira dentro da cabana dos caboclos, ficando assim evidenciada a verdadeira origem dos homenageados.

Não poderíamos deixar de fazer referência às caboclas, tendo em vista haver diferença do comportamento entre os do sexo masculino e feminino.

Assim, como há no lado dos orixás, voduns e inquices, as entidades masculinas e femininas, também existe separação quanto ao sexo entre os espíritos indígenas. Nos candomblés-de-caboclo e sessões-de-jiro, também baixam as caboclas, as quais diferem em muito do modo de agir dos índios. As caboclas têm direito às mesmas obrigações, sendo banqueteadas com animais, frutas, etc., porém a maneira como se apresentam deixa evidente o lado feminino, desde um certo toque de vaidade, tanto no trajar, como no modo de comunicar-se com os *filhos-da-casa*. Elas não apresentam aquele jeito agressivo, peculiar nos cablocos. As caboclas só se igualam aos índios ao dar o grito de guerra das suas tribos, ao baixar nos "cavalos", e no modo de dançar, enquanto os toques e cânticos são no mesmo ritmo.

Os caboclos não possuem os chamados *erês*, como é tradição nas "nações" africanas, as entidades infantis que se incorporam nas *iaôs* ou filhas-de-santo. Existem sim, índios-meninos que se manifestam e assumem a mesma postura dos espíritos adultos, recebendo as mesmas homenagens e tendo o "assentamento" igual aos outros, nos quais são sacrificados animais e colocadas as frutas de sua preferência.

Observamos em algumas casas-de-candomblé, pertencentes às diversas ramificações de "nações" africanas, que, antes de iniciarem a festa-de-caboclo propriamente dita, abrem o terreiro, fazendo o *rosário* na nação-de-angola, para depois cantar para a chamada dos "donos das homenagens". Não sabemos qual a razão desse procedimento, porque, apesar do caboclo haver se ligado bastante ao *angoleiro*, não implica que a sua festa seja obrigatoriamente feita dentro dos preceitos daquela "nação" africana. No candomblé-de-caboclo existem cânticos referentes a Exu e aos Inquices dentro das normas estabelecidas para um culto diferente dos demais, e não justifica a inclusão de outros numa língua que não é usada pelos indígenas. Devemos levar em consideração a única coisa que conduz a ter-se que cantar para os *Santos*, que é justamente a maneira educada dos caboclos em fazerem a saudação formal aos orixás, porém dentro da estrutura do seu próprio culto, não sendo, portanto, obrigados a seguir os preceitos africanos. Geralmente, nas "casas" onde o culto é exclusivo de caboclo, costuma-se cantar, no início da função, três cantigas para cada entidade, com palavras usadas na linguagem comum, que podem ser em português, entregando-se posteriormente o comando aos "donos da festa", que, por si mesmos, se incumbem de fazer a animação de acordo com as suas preferências. Os caboclos cantam e dançam ao mesmo tempo com um repertório inesgotável, pois jamais ouvimos a repetição das mesmas cantigas, num mesmo local, durante o decorrer de uma festa.

Durante as festas-de-caboclos, no auge da animação, os assistentes costumam saudá-los, pronunciando as palavras: "*xêtro maromba — xêtro na vizaura — maromba xêtro*"! Variando de pessoa para pessoa, mas sem-

pre repetindo a mesma coisa. Dessas frases, até agora, não encontramos tradução em português.

No decorrer das festas é costume dos caboclos oferecer aos presentes a bebida chamada *jurema* e em algumas "casas", fazem uso de cerveja, a qual é servida na própria garrafa ou em cuias, também chamadas *coités*. Enquanto eles dançam fazem uso do charuto, cuja baforada lançam nos presentes. Soubemos que, ao fazerem isso, estão também soltando bons fluídos nas pessoas, a fim de afastar as influências negativas que por acaso estejam perturbando a vida material ou espiritual das mesmas.

Um dos rituais mais bonitos destes terreiros é a mesa-de-jurema. Nella os participantes, num culto restrito aos filhos-da-casa, rendem homenagem aos índios, dentro de um ambiente de grande respeito, num ritual de grande contrição, todos vestidos de branco, onde predominam rezas de cunho indígena. É uma solenidade muito bonita, mas que, atualmente, poucas "casas" praticam dentro dos preceitos exigidos. O que vemos normalmente é uma mesa-de-frutas, onde predomina o *melão caboclo*, fruta de agradável paladar e perfume forte.

LINGUAGEM DOS CABOCLOS

A linguagem usada pelos caboclos, ao se incorporarem, é bastante diferente do nosso modo de falar. Apesar deles se comunicarem em português, há uma diferença enorme na maneira de se expressarem. Eles falam um português embolado, dando a impressão de que são estrangeiros. É uma mistura de sua língua nativa com o que falamos corriqueiramente.

Nem sempre os nomes adotados, aliás, usados pelos caboclos, são em linguagem nativa. A maioria deles, talvez por força de se fazer entender ou serem chamados com mais facilidade, adota nomes usados em língua portuguesa. O mesmo se observa para as caboclas e índios meninos. Existem caboclos cujo nome, apesar de ser em língua nativa, é de fácil pronúncia; outros, porém, não há possibilidade de alguém pronunciar. Nesses casos, torna-se necessária a passagem do nome-de-aldeia para o português, fato que acontece na maioria das vezes.

A maneira de falar dos índios-meninos e/ou adultos é a mesma, pois todos se enquadram dentro dos princípios de preceitos e formas de comunicação usual, com as pessoas, não sendo possível identificar pela linguagem se uma entidade é infantil ou não.

Quando baixam nos terreiros, costumam se cumprimentar na sua linguagem nativa, conversando no dialeto das suas tribos de origem, que os ouvintes comuns não conseguem traduzir. Também a troca de cumprimentos varia de uma tribo para outra. Alguns se cumprimentam, abraçando-se; outros, tocando os punhos fechados entre si, sem que antes não cumpram o ritual de fazer menção de atirar, com o arco, um em direção ao outro. Durante a saudação entre eles, há uma troca de palavras em lin-

guagem indígena, que tanto pode ser amistosa, como também um desafio.

Assistimos, numa determinada casa de candomblé-de-caboclo, onde aconteceu um encontro entre dois guerreiros de tribos inimigas, a um desafio para uma luta que, se não fosse a interferência do chefe da casa, teria partido corpo-a-corpo entre eles, com conseqüências imprevisíveis. Observamos que eles trocaram palavras ásperas, mesmo sem entendermos o que estavam falando.

Os caboclos costumam tratar as pessoas sempre colocando "o senhor" ou "a senhora" antes do nome, só que não falam explicado; usam a forma: "seu", aplicada para ambos os sexos. Não fazem uso, portanto, da variação quanto ao gênero das palavras, que fica sempre no masculino, seja para o tratamento de pessoas ou nome de objetos.

RELIGIOSIDADE DO ÍNDIO – INFLUÊNCIA EUROPÉIA

Talvez por força da catequização dos jesuítas, sentimos que, dentro do candomblé-de-caboclo e sessões-de-jiro, há grande influência desses elementos, face ao modo de comunicação dos índios com as pessoas da comunidade e a saudação comum que é feita em língua portuguesa com palavras usadas no ritual católico. Ainda não assistimos, em qualquer sociedade de cunho indígena, talvez até exista, a um caboclo se dirigir aos presentes na sua língua nativa. Ao chegarem, sempre saúdam todos com o tradicional "louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", ou então, com "a paz de Deus esteja com todos", a que todos respondem "para sempre seja louvada a Nossa Mãe Maria Santíssima", ou, "a mesma paz que venha convosco". Essas frases onde observamos a presença católica são mais comuns nas sessões-de-jiro. Já nos candomblés, ao baixarem nos "cavalos", os caboclos costumam cantar utilizando versos que nos lembram hinos religiosos de origem católica, que dizem mais ou menos assim: "Deus vos salve casa santa – Onde Deus fez a morada – Onde mora o cálix bento – E a hóstia consagrada". ou então, "Deus vos salve, Deus vos salve esta aldeia real" Outra saudação comum é: "Quando nesta casa entrei, eu louvei Maria – Quando nesta casa entrei, eu louvei o santo dia". Os caboclos não costumam saudar a casa na sua língua nativa nem empregam termos de origem africana para esse fim.

Percebe-se nitidamente que os índios que se incorporam nas sessões-de-jiro e nos candomblés, conservam até hoje vestígios da catequese dos jesuítas e também a influência do colonizador português, católico e cristãos, inclusive na língua utilizada que é a mesma.

Existem, porém, caboclos que conservam a denominação Tupã referente ao Deus Todo Poderoso; é freqüente ouvir-se nas funções, tanto do candomblé como das sessões-de-jiro, a citação desse termo, e algumas palavras também são usadas lembrando a sua língua nativa, o que não é

tão comum assim. Na maioria das vezes, a linguagem utilizada é o português, ficando a outra mais ligada a algumas "casas" tradicionais.

Apesar de haver ligação religiosa do índio com o lado católico, permanece viva a sua origem nativa com os seus preceitos e o seu modo de encarar o lado espiritual em meio a tudo aquilo que lhe foi imposto.

Falamos da influência européia no que toca ao lado católico. Falamos, agora, do ponto de vista Kardecista que influi muito mais no comportamento dos caboclos.

Apesar do chamado caboclo tratar-se de um espírito de índio, nem sempre este é desencarnado. Já tivemos oportunidade de assistir à manifestação de um caboclo chamado João Bala, numa mãe-de-santo da nação jeje, o qual todos os filhos-da-casa afirmaram ser ainda vivo; porém, na maioria dos casos, são os espíritos dos índios desencarnados que baixam nos "cavalos". Começamos, então, a sentir a presença Kardecista entre esses espíritos. Embora os seguidores nem sempre admitam essa hipótese, há realmente entre eles um comportamento que nos leva a crer que pendem muito para este lado. Se observarmos as sessões-de-jiro, só notamos uma única diferença mais para o lado candomblé, que é justamente o acompanhamento dos cânticos e as palmas no desenrolar dos trabalhos —, mas, se olharmos do ponto de vista espiritual, vamos ver que os espíritos de índios que ali se manifestam, agem com a única intenção de praticarem a caridade, meta cuja doutrina parte do lado Kardecista em relação à prática do bem e do amor ao próximo. Aliás, o catolicismo também prega a mesma coisa, porém, no espiritismo do ramo Kardecista, conforme já observamos, a ênfase é maior em virtude de seguir uma filosofia cujo estudo está mais voltado para as coisas do além, empenhando-se em praticar boas obras, a fim de obter elevação espiritual quando os seguidores desencarnarem.

No decorrer das sessões-de-jiro, os caboclos dão os chamados *passes espirituais*, a fim de retirarem possíveis influências malignas em alguém que seja portador deste tipo de irradiação. Mesmo que esses espíritos estejam numa festa-de-candomblé, se houver necessidade, afastam-se do meio do "barracão", para atender a quem quer que seja, no caso de estar passando por um sofrimento tanto material como espiritual, sem prejuízo algum quanto aquilo a que estavam se dedicando, independente de autorização do chefe material daquele "terreiro". Difere do comportamento dos orixás, iniques ou voduns porque esses, quando estão sendo homenageados, não saem para interferir em outras coisas, só o fazendo em casos muito especiais, o que comumente não acontece. Nas casas-de-candomblé, os assuntos pessoais são geralmente resolvidos pelos pais e mães-de-santo, fora dos dias de "festa". Não quero com isto desmerecer o orixá, cuja doutrina é bastante diferente e, segundo pessoas versadas no assunto, trata-se de entidades encantadas, sendo, portanto, diferentes dos espíritos desencar-

nados que cortam o espaço de outra maneira, com outro tipo de concepção das coisas do além. Os caboclos de um modo geral agem de outras forma, seguindo o princípio da doutrina Kardecista em relação a fazerem a caridade em qualquer circunstância.

Existem espíritos de caboclos que tanto participam do candomblé como das sessões espíritas, com um comportamento diferente de um ambiente para o outro. No candomblé, os caboclos cantam, dançam, afinal, divertem-se. Na sessão espírita eles se dedicam exclusivamente à prática da caridade, ensinando remédios tanto de ordem material como espiritual, dando passes, fazendo o chamado “transporte”, que consiste em desligar do médium e fazer uma visita invisível a qualquer local, bastando para isto que haja concentração por parte da pessoa interessada, firmando o pensamento naquele lugar para onde se destina o espírito designado para tal fim, e outras coisas mais. Alguns caboclos participam exclusivamente das sessões de cunho Kardecista, não comparecendo em candomblés, e outros só pertencem ao culto de candomblé. Estes últimos porém, são uma minoria. Resumindo, devemos deixar claro que os espíritos dos índios, sejam eles só do candomblé, sessão-de-jiro ou doutrinados pelos Kardecistas, jamais se negam a praticar o bem e a caridade seja a quem for.

Não sabemos as razões que levaram os espíritos dos índios a esta simbiose, porque, segundo informações de estudiosos do comportamento dos índios quando encarnados, vivendo nas aldeias, não consta nada que possa nos levar a uma conclusão em relação de como encaram os acontecimentos depois da morte, e se há alguma coisa com que se possa fazer uma comparação, desde quando o índio, dentro do contexto nativo, em nada se parece com os espíritos que estamos acostumados a ver manifestados nos “cavalos”, tanto nos “terreiros”, quanto nas sessões espíritas-de-jiro ou não. Talvez a mudança da vida material para a espiritual seja responsável por tudo isto. Talvez os seguidores da filosofia espírita tenham a resposta. Não nos interessa no momento tentar desvendar os mistérios que cercam este assunto. O nosso propósito é tentar fazer um trabalho sobre a influência do europeu, no caso os católicos e espíritas, no comportamento religioso do índio dentro da estrutura do candomblé e sessão-de-jiro, pois a parte que coube ao africano banto já nos referimos linhas atrás.

O que houve realmente foi uma grande contribuição de todos os lados, para formar o que vemos agora cuja explicação, por mais que pesquisemos, é difícil de encontrar.

COMPORTAMENTO DOS CABOCLOS DENTRO DA COMUNIDADE

O comportamento dos espíritos dos índios na comunidade do candomblé, no que tange ao modo de agir e de trabalhar, difere bastante dos orixás. Enquanto as lendas dos orixás são relativas aos seus feitos no

tempo passado, as estórias dos caboclos são da atualidade, e a cada momento vemos os exemplos.

Em linhas ligeiras, contaremos alguns fatos a que tivemos oportunidade de assistir e outros que nos foram contados por pessoas idôneas.

Conhecemos o médium do caboclo Itaguará, um senhor bastante idoso que morava no bairro do Sertanejo, em Salvador, o qual dava consultas para aqueles que tivessem problemas de qualquer natureza. Sua maneira de trabalhar consistia em conversar com o seu guia espiritual, perguntando qual o motivo que levara o consulente à sua presença, e o caboclo respondia a que fim tinha ido e o que necessitava fazer para aliviar os seus males. Até aí não está bem explicado de que forma era conduzida a consulta, sobre o que passamos a dar os detalhes. O médium, juntamente com o cliente, entrava num quatinho onde havia uma mesa forrada com uma toalha branca. Sobre ela, uma sineta que, ele, depois de fazer as orações, acionava, chamando o caboclo Itaguará no quarto vizinho. Em seguida, ouvia-se um pequeno barulho dentro do quarto onde ficava o “assentamento” do caboclo e, a partir de então, começava a consulta. O caboclo respondia às perguntas percorrendo sobre a vida do consulente de modo geral, e somente o médium ouvia o que era dito pelo mesmo, passando a seguir, para a pessoa interessada, as informações que recebia. O mais interessante é que, tudo aquilo que o caboclo Itaguará dizia, coincidia exatamente com o que a pessoa estava pensando. Não havia falhas nem mentira, era um verdadeiro livro aberto. O importante de tudo isso era que o caboclo não incorporava no médium, transmitindo as informações de dentro do quarto, ditando inclusive os trabalhos que se fizessem necessários em benefício do consulente. Não sabemos se, nos dias de “festa” dedicados ao caboclo Itaguará, alguém o consultava desse modo, porém diariamente o atendimento aos cliente se processava da forma descrita acima.

Durante uma festa dedicada ao Caboclo Pedra Preta, enquanto as pessoas presentes eram servidas de iguarias comuns dos índios, ou seja, frutas e aves assadas, o índio Pedra Preta deliciava-se comendo um pedaço de fumo-de-corda, de cerca aproximadamente de um quilo, acompanhado de um litro de mel de abelhas, mastigando, tranqüilamente, como se fosse um manjar. Mais tarde, depois de haver terminado o seu banquete, “desligou”, sem deixar o menor indício no médium, que no caso é uma senhora que tem cargo de mãe-de-santo, cujo orixá é Oxum, residente no bairro do Jardim Cruzeiro, em Salvador. Quando o caboclo desincorporou, a citada mãe-de-santo nem parecia alguém que, minutos antes, tinha ingerido tamanha mistura que, numa pessoa em estado normal ou mesmo mistificando-se, provocaria náuseas e conseqüências outras que não podemos avaliar.

Citemos outro exemplo. Na rua dos Ossos, bairro de Santo Antonio, também em Salvador, conhecemos o caboclo Jurataí, que, ao “bai-

xa", costuma beber cerveja num caneco onde seguramente cabe o conteúdo de duas garrafas de bebida. Durante todo o tempo em que está manifestado ele o esvazia por diversas vezes e se permanecer o dia inteiro nesse estado, não para de maneira alguma de beber e de fumar o seu charuto. O mais interessante de tudo isso é que o médium não toma bebida alcoólica nem fuma, e, quando o caboclo "desliga", não há o menor vestígio de que ele tenha ingerido tanta bebida, pois está totalmente sóbrio. Este mesmo caboclo Jurataí, certa feita alguém o tomou por padrinho de uma criança, sendo o representante material o seu "cavalo", que compareceu à Igreja. Ao começar o ato religioso, uma pessoa fotografou a cerimônia e, ao revelar-se a foto, qual não foi a surpresa de todos, pois lá estava a figura de um índio por trás do referido médium, colocando a mão sobre a cabeça da criança na hora em que a mesma recebia as águas lustrais! Não sabemos se o médium do caboclo Jurataí ainda possui essa fotografia, porém tivemos oportunidade de vê-la.

Pudemos observar também o comportamento do caboclo Mineiro, que só dançava em cima de brasa vivas, as quais ele apagava tranquilamente com os pés, enquanto animadamente os assistentes cantavam: "Pisa ouro com o pé, ó mineiro"! Quando acabava a festa, isto é, quando o caboclo Mineiro desligava do médium, não havia o menor sinal de queimaduras nos pés de quem havia dançado tanto em cima de brasas bem acesas.

Tivemos oportunidade de conhecer o caboclo Serra Negra, que ao "baixar", só começava a falar em português depois que lhe davam uma determinada erva para segurar, na qual, segundo informações, ele depositava o seu idioma da tribo. Aquela erva era conservada durante todo o tempo em que estivesse manifestado. Quando o caboclo Serra Negra queria ir embora, pedia à pessoa que ficara, com a mencionada erva (que não conseguimos saber qual era, porque só as pessoas da "casa" sabiam), para devolver-lhe, a fim de poder recuperar a sua linguagem nativa e levá-la de volta à sua aldeia. Se por ventura, quando o caboclo Serra Negra "baixasse" e não estivesse ali uma pessoa esperando para fazer o preceito, ele não dava uma palavra em português, esperando até aparecer a erva mágica que lhe dava o poder de se comunicar em nossa língua.

Conhecemos diversos caboclos que costumam beber qualquer tipo de bebida que lhes ofereçam, pelo ouvido do "cavalo", não fazendo uso da boca, como normalmente seria o certo. Queremos ainda deixar claro que, mesmo bebendo através dos ouvidos, esses caboclos ao "desligarem", não deixam sinais daquilo que fizeram nos seus respectivos médiuns.

Por diversas vezes participamos de uma sessão-de-jiro na rua do Curuzu, bairro da Liberdade, cujo presidente costumava invocar nos médiuns, a tribo dos Antropófagos (o nome é este mesmo), fazendo uma corrente entre todos que estivessem na mesa. Esta tribo depois que "desligava" dos médiuns, deixava-os com a pele toda empolada e com um tremendo

prurido, dando a impressão de que todos haviam saído de dentro do mato onde teriam passado no corpo folhas de urtiga e cansansão, as quais provocam dermatoses do tipo queimadura e coceira ao mesmo tempo. Só depois que os guias dos médiuns baixavam novamente, eles voltavam ao seu estado normal, desaparecendo por completo os vestígios deixados pela tribo dos Antropófagos. Era cômico o comportamento daqueles médiuns, quando os citados caboclos “desligavam”. Todos ao mesmo tempo coçavam o corpo inteiro. Alguns chegavam a chorar, envergonhados de estarem na presença de outras pessoas, agindo daquela forma, sem poder se controlar. Observava-se que a pele ficava realmente afetada e depois, da mesma forma como havia aparecido aquela alteração, tudo voltava ao normal.

Não sabemos a razão que leva certos caboclos a não gostarem de crianças e animais, especialmente cães. Assistimos, na sessão mencionada acima, por diversas vezes, a alguns caboclos quererem pegar crianças e cachorros para comê-los. Aliás, aqueles índios estavam sempre fiscalizados, por motivo de serem muito brutos e, portanto, diferentes dos demais, não aceitando a presença de crianças nem mesmo em estado embrionário. Durante uma das reuniões, presenciamos um desses caboclos dando *passes* numa assistente, no decorrer do qual, inesperadamente, ele “desligou” e deixou o médium parado na frente da referida pessoa. A responsável pela fiscalização, estranhando o fato, aproximou-se para ver o que estava se passando, perguntando à assistente se ela estava grávida, tendo a mesma respondido que se encontrava no 2º mês de gestação, ficando assim explicada a ocorrência. Enquanto a mulher grávida permaneceu na frente do médium, o caboclo não tornou a “baixar”. O fiscal, então providenciou o afastamento da mesma para longe, tendo o cuidado de não deixar que o mesmo se repetisse com outra pessoa. O interessante prende-se ao fato da referida mulher não demonstrar nenhum sinal visível de gravidez, nem ter dito antes ao caboclo que estava naquele estado. Outros caboclos, que trabalhavam nessa sessão, tinham a missão específica de dar *passes* em crianças e em gestantes.

Conhecemos também um certo caboclo Tumbancé, que era bastante cismado. Não gostava de crianças nem de cachorros, mas, entre as coisas que fazia, tinha preferência por tratar de pessoas que fossem portadoras de ferimentos crônicos em qualquer parte do corpo. Certa ocasião, assistindo ao caboclo Tumbancé curar uma chaga na perna de um cliente, colocando a boca do médium no local deixando-o totalmente limpo. Oito dias depois a chaga havia cicatrizado. Nem sempre os caboclos se ligam muito com os inquices, voduns e orixás. Geralmente há entre eles uma certa distância, e quem leva a pior na maioria das vezes, é o “cavalo” dos dois. Vejamos o que nos foi informado por pessoa merecedora de crédito, e que aconteceu numa cidade do recôncavo baiano.

Havia um senhor naquela região, cujo caboclo não gostava do orixá do mesmo que a fim de insultá-lo, sempre criava situações para castigar o

médium. Certa feita, o caboclo deu ordem ao seu “cavalo” para que, nos dias em que tivesse de trabalhar não ingerisse bebida alcoólica. Como ele deixou de cumprir o determinado o dito caboclo deu-lhe uma surra que quase lhe tira a vida, deixando-lhe marcas para sempre no corpo. Devemos esclarecer que as pancadas foram dadas pelo próprio índio incorporado no dito cujo. De outra vez, o médium do mesmo caboclo teve uma desavença com um senhor, que também era pai-de-santo e prometera vingança fazendo uso dos seus poderes espirituais. Veio o caboclo e deixou o recado de que ele jamais levantasse as mãos contra o outro, pois o mesmo era “cavalo” de um índio, irmão do seu guia. O médium não aceitou as ponderações e partiu para trabalhar contra o pai-de-santo, terminando por tirar-lhe a vida. Quando o caboclo “baixou”, após os acontecimentos, jurou que o “cavalo” havia desobedecido e que ele faria a mesma coisa com ele. Passado algum tempo, o caboclo saiu e foi a uma estrada, subiu num barranco onde havia lá em cima um pé de umbaúba; ele conduziu o médium até o topo e “desligou”. As pessoas que o acompanhavam lutaram por todos os meios para tirá-lo de lá, sem, entretanto, lograrem êxito. Alguém lembrou de chamar o orixá, que no caso era Ogum, a fim de livrar o pai-de-santo daquela situação, Ogum veio e tirou o seu “cavalo” daquele perigo. Esse mesmo caboclo, noutra feita, conseguiu o seu intento, distraindo os presentes com algumas cobras que fora buscar no mato, soltando-as no meio do “barracão”. Enquanto todos corriam de um lado para outro, fugindo dos répteis, o caboclo saiu disfarçadamente indo para um penhasco de altura considerável, de onde se jogou, projetando o médium no espaço, para depois ser encontrado, estatelado, no fundo do abismo. Note-se que antes, o caboclo jurara tirar a vida do seu médium, porque ele havia teimado em praticar uma coisa que o mesmo lhe tinha proibido. Concluindo este caso, devemos salientar que o médium em questão era deficiente físico, pois faltava-lhe uma das mãos. Imaginemos, agora, como o caboclo conseguiu marinar num pé de umbaúba e o vexame que o médium sofreu, ao se ver naquela altura, onde, se não tivesse manifestado jamais conseguiria subir. Realmente, o orixá daquele senhor nada pôde fazer para evitar a tragédia, pois conforme havia dito antes o caboclo, na primeira oportunidade ele mataria o médium, mostrando “àquele nêgo de cabelo duro e curto que ele faria o prometido”.

O relato acima é um exemplo de que, entre os caboclos e os orixás, não há muito entrosamento, deixando a impressão de que, em certos casos, os índios agem com mais independência em relação aos seus “cavalos”, dirigindo suas vidas talvez com mais autoridade e exigindo muito mais do que os *santos* da África. Não sabemos as razões desse comportamento, mas já observamos, em outros fatos que nos foram revelados, que há uma certa discordância entre eles.

Conhecemos uma mulher muda e surda, que recebia o caboclo Pena Branca e, quando era incorporada pelo mesmo, falava, dando consultas, a diversas pessoas que iam à sua casa; quando o caboclo “desligava” o médium voltava ao seu estado de deficiente.

Certa ocasião, vimos um caboclo chamado Boiadeiro fazer as pazes entre dois homens, padrasto e enteado respectivamente, que haviam ido às vias de fato, chegando ao auge de puxarem faca um para o outro. O caso assumiu grandes proporções e foi parar numa delegacia de polícia. Vendo que a situação era grave e que o filho não tinha razão, a sua genitora partiu para a casa do médium do caboclo Boiadeiro, pedindo uma providência imediata. Este, ao “baixar”, disse que não precisava fazer trabalho algum pois ele iria até à Delegacia, para soltar os dois e fazer as pazes. Quando a mulher saiu da casa do caboclo e chegou à sua residência, já encontrou os dois homens, que, minutos antes, haviam partido para uma briga séria, entre risos e abraços, desculpando-se mutuamente como se nada houvesse acontecido. A partir daquele momento, eles continuavam amigos, muito mais do que eram antes.

PRATOS PREFERIDOS PELOS CABOCLOS NO CANDOMBLÉ DA BAHIA

Conforme falamos linhas atrás, os espíritos dos índios gostam de comidas sem sal; quando se trata de aves, as mesmas são assadas em brasas, e as frutas são sempre cruas. Os alimentos oferecidos aos caboclos não são cozidos.

Quando nas casas-de-candomblé se faz matança, o sangue dos animais é misturado ao vinho branco com mel-de-abelhas e despositado em vasilhas apropriadas. Existem caboclos que, logo os animais sejam sacrificados, sugam o sangue, enquanto dançam ao som dos atabaques e cantigas próprias para o ato. Outros depois de recolhido o sangue dos animais nas vasilhas, bebem-no, sorvendo-o como néctar.

Depois do sacrifício dos animais e respectivo preparo, é feita a mesa repleta de frutas, as quais são distribuídas entre os presentes. Como acompanhamento das comidas é servida a *jurema*, que é uma infusão de folhas ou entrecasco da planta do mesmo nome, preparada com vinho branco e mel. Essa planta, apesar de amargar um pouco, depois que é curtida no vinho perde por completo o seu sabor amargo e transforma-se numa bebida de agradável paladar. Ainda é costume dos índios prepararem uma salada que é impossível a nós, pobres mortais, degustá-la. Trata-se de fumo-de-corda desfiado com mel de abelhas. Já outros mais requintados, colocam folhas de cansaço na mistura, comendo esse prato como se fosse manjar do céu, enquanto oferecem aos assistentes que solenemente, o recusam, ao contrário de todos os caboclos presentes

que disputam a sua porção gulosamente. Faz-se, também salada de frutas, que, como em todos os pratos, também contém o mel de abelhas. Em outros lugares, costuma-se cozinhar a abóbora jirimum que, depois de tiradas as sementes, tendo-se o cuidado de deixá-la inteira, enche-se de fumo-de-corda e mel. Usa-se também o melão caboclo cortado em fatias, com mel e fumo.

Em todos os pratos servidos aos caboclos é costume colocar-se o mel, uma das coisas preferidas pelos índios. Também não sabemos a razão que leva os caboclos a gostarem tanto de fumo-de-corda. O mais interessante de tudo isso é que, depois de ingerirem tanto mel misturado a ervas do tipo cansanção e urtiga, juntamente com fumo-de-corda, os médiuns não dão o menor sinal de náuseas quando os caboclos "desligam".

NOME DE CABOCLOS NOS CANDOMBLÉS E SESSÕES-DE-JIRO DA BAHIA

Conforme já mencionamos, existem caboclos com nomes indígenas e outros com nomes em português.

Conhecemos os seguintes que usam os nomes de suas tribos de origem: *Tupi, Guarani, Janauba, Juratai, Amuriganga, Jurema, Oniboia, Araribóia, Eru, Tumbacé, Tupigoia, Aimoré, Neive, Tupiara, Caipó, Caeté, Tansagem, Jitirana, Quibanarana.*

Outros usam nomes aportuguesados ou totalmente em português. Talvez seja até a tradução daqueles que trouxeram de suas tribos. Por exemplo: Caboclo Pedra Preta, Serra Grande, Serra Preta, Pena Branca, Pena Vermelha, Cana Verde, Pena Verde, Sete Flexas, Rei das Ervas, Flexa Negra, Flexeiro, Cobra Coral, Nuvem Branca, Rompe Nuvens, Estrela D'Alva, Raio do Sol, China, Boiadeiro, Laje Grande, Capangueiro, Gentileiro, Mineiro, Rei dos Astros, Trovezeiro, Juremeiro, Pedra Branca, e assim por diante.

Alguns possuem nomes que deixam transparecer uma afinidade com o africano banto, tais como: Congo de Minas, Congo de Ouro, Rei de Congo, etc. Nota-se assim o entrosamento que houve entre os nativos e os africanos banto, evidenciando a relação bastante amistosa que deve ter havido, de onde talvez, tenha surgido o candomblé-de-caboclo.

Existem ainda nomes que nos lembram algo do oriente. Por exemplo: Caboclo Sultão dos Mares, Sultão da Mata Virgem, Sultão das Matas, Sultão do Mato Grosso. Ora, sabe-se que a palavra Sultão é conhecida entre nós para designar os potentados do Oriente que possuem grande quantidade de bens materiais e um número elevado de mulheres, cuja autoridade, nos seus territórios, jamais é discutida entre os seus vassallos. Até agora não pudemos saber o por que da adoção do nome Sultão por alguns caboclos que, segundo nos consta, nada tem a ver com o indígena

brasileiro. Também não sabemos se há essa palavra em algum dialeto indígena com significado diferente daquele que é do nosso conhecimento.

Conhecemos ainda um caboclo João Bala, cujo nome deixa bem clara a influência portuguesa.

Certa feita, assistimos, em uma sessão-de-jiro, à declaração de um dos guias-da-casa que fora batizado por um padre e recebeu o nome de Antonio dos Santos, tendo o fato acontecido quando ainda estava encarnado. Entretanto ele conservava o seu nome-de-aldeia. O mesmo ocorreu com outros índios que ali se manifestavam, segundo informações que nos foram prestadas pelos irmãos-da-casa. Inclusive, que era costume naquele "centro" mandar os caboclos em missão espiritual às suas aldeias, a fim de buscarem o nome indígena de cada um; para tanto, os caboclos tinham que deixar de se manifestar por um determinado espaço de tempo e, quando retornavam, traziam o seu nome de origem.

Não podemos entender bem como era possível, depois dessa "viagem", os caboclos retornarem com os seus respectivos nomes, em virtude deles, ao "baixarem" pela primeira vez, já trazer um nome correspondente, como também não vimos noutros "centros" esse comportamento. Não nos cabe analisar a maneira de doutrinação desse ou daquele "centro" porque é uma questão isolada, podendo variar de um lugar para outro. Quanto à doutrina usada nas sessões-de-jiro nem sempre pode-se fazer um confronto, porquanto o presidente-da-casa e o seu chefe espiritual são quem ditam as normas. Nem todos se igualam na forma de educar os espíritos dos índios, deixando o espectador um pouco confuso.

O certo é que existem índios com nomes em português e outros com nomes aportuguesados, conforme já falamos anteriormente.

Se nos aprofundarmos no assunto, vamos criar polêmica, desde quando existem divergências de doutrina e comportamento, formando uma ligeira confusão. Não existe uma norma definida, ficando cada "casa" com a sua doutrina em particular.

Já no candomblé-de-caboclo as diferenças de uma "casa" para outra são muito poucas. O ritual é quase o mesmo em todos os lugares e, em relação aos nomes dos índios, não há nada que nos leve a verificar algum desencontro entre o nome de aldeia e aquele que o caboclo traz ao se manifestar pela primeira vez.

Nas casas-de-candomblé, o ritual de batismo dos caboclos conserva o seu nome de origem, não havendo nenhuma mudança. A cerimônia feita, para batizar um caboclo, é a maneira pela qual ele é domesticado, porquanto a maioria dos índios, inicialmente ao se manifestarem, trazem toda a ferocidade que tinham nas matas, e o batismo consiste numa forma de transformá-lo num espírito educado, nada tendo a ver com o ritual católico.

ROUPAS USADAS PELOS CABOCLOS DURANTE AS FUNÇÕES

Conforme já dissemos, as roupas usadas pelos caboclos nos dias de festa, são geralmente confeccionadas com plumas de determinadas aves, como, por exemplo, pavão, ema, etc., embora nem sempre todos se apresentem vestidos com roupas de penas. A tribo dos Boiadeiros veste roupas de couro cru, tendo como complemento chapéu do mesmo material. É norma geral somente os caboclos chefes-dos-terreiros usarem trajes característicos. Em raríssimas exceções os caboclos de filhos-de-santo da “casa” têm esse privilégio. Normalmente os caboclos, quando “baixam” nos filhos-de-santo, sendo pessoas do sexo masculino, usam calça arregaçada e um *ojá* (pano de pouca largura e comprido) que é amarrado no tórax; quando se trata de médiuns do sexo feminino, usam saia arregaçada, completando o traje com um *ojá*. Lembramos que a mencionada saia é comprida e não é usada com anáguas engomadas, como é de costume nas festas-de-candomblé de inuíces e orixás. As saias, que vestem os caboclos, são arregaçadas, com as pontas da barra presas na cintura.

As vestimentas dos caboclos se complementam com missangas e vidrilhos que produzem um efeito muito bonito. Os cocares são feitos com uma pala bordada e motivos geralmente indígenas. Também os cocares variam de tamanho. Uns são confeccionados com as plumas descendo até a cintura. Outros são feitos somente com as plumas verticais em volta da cabeça. Nos punhos são colocados braceletes, também confeccionados em plumas. Alguns usam colares de missangas, porém diferentes daqueles usados pelos orixás e inuíces. Os saíotes são feitos com uma pala bordada com missangas e vidrilho, e o restante com plumas. No tornozelo, costuma-se colocar enfeites iguais aos dos punhos.

Complementando o saíote de penas, em geral usa-se uma calça comum ou bombachas. Normalmente, calça é usada pelos elementos do sexo masculino, quando não fazem bombachas. As mulheres incorporadas com caboclos, vestem bombachas à altura dos joelhos, no caso de estarem os caboclos a caráter, pois conforme já dissemos, quando não estão com o traje indígena, usam saia comprida. Os tecidos mais utilizados para a confecção das roupas são cetim, veludo ou estampado, com motivos que lembram a selva.

TRABALHOS DOS CABOCLOS – EBÓS E DESENVOLVIMENTO ESPIRITUAL

As pessoas que se dedicam à pesquisa ou pertencem ao candomblé, sabem que, na maioria dos casos, o uso de “trabalhos” dentro dessa religião é normal. Os caboclos também fazem uso desse tipo de expediente, embora os ebós utilizados pelos índios nem sempre são iguais aos tradicionais das nações africanas. A diferença está no material e modo de

praticar determinadas coisas. Há entre os seguidores do candomblé, o dizer "*aquilo que o caboclo faz, o negro não desfaz*", em referência à força que possuem os caboclos. Acreditamos que a força emanada dos trabalhos dos índios prende-se ao fato dos mesmos conhecerem o segredo das folhas a que os africanos não tiveram um certo acesso.

Independente dos trabalhos feitos de forma material, é costume entre os caboclos resolverem determinados casos espiritualmente, desenvolvendo, pelo lado invisível, soluções de problemas muitas vezes quase impossíveis para os quais já foram empregados, sem sucesso, recursos pelo lado do candomblé dos africanos, deixando-nos perplexos. Tivemos oportunidade de acompanhar certos casos onde sabemos que não foi acesa uma vela na intenção disso ou daquilo e depois de consultado certo caboclo, como resposta ouvimos a sentença "deixe comigo, não precisa fazer nada, vou pedir forças a Deus". . . E para nossa surpresa resolveu-se o assunto em curto espaço de tempo, de forma inacreditável.

Geralmente os caboclos usam o método invisível para resolverem os problemas das pessoas que os procuram.

Existem caboclos cuja missão é especificamente o de retirar espíritos malévolos que estejam perturbando alguém, outros trabalham melhor nos casos de problemas de ordem material, e há caboclos que são doutrinadores, do espaço, incumbindo-se de disciplinar espíritos inferiores, evitando a presença deles entre as pessoas. Normalmente esses caboclos são mais ligados às sessões espíritas, sendo doutrinados na chamada *mêsa branca* da linha Kardecista. No candomblé, os caboclos "trabalham" de certa forma, de um modo diferente. Nos casos de retirada de espíritos perturbados, usam o processo de *ebó*. Tanto nos candomblés como em sessões-de-jiro são utilizados os chamados banhos-de-ervas, feitos com folhas conhecidas somente por eles mesmos; acompanham os banhos-de-ervas, os tradicionais defumadores que consistem em incenso e outros ingredientes, variando de acordo com cada caso específico.

Os caboclos se utilizam do "sacudimento", isto é, de um feixe de folhas bem verde que também varia de tipo para cada problema. Esses "sacudimentos" são utilizados para retirar influências negativas tanto das pessoas como de habitações, freqüentemente de casas onde tenha falecido alguém ou haja pessoas doentes, e nos casos de problemas financeiros e atrapalhados de vida de um modo geral. Os caboclos trabalham também com pólvora, a qual, de acordo com o problema, é queimada dentro de casa ou em volta de pessoas que tenham feito "trabalhos" de *limpeza de corpo*. A pólvora utilizada é a de cartucho, tipo pólvora seca, que os índios costumam sempre explodir com o charuto aceso, sem que isso signifique algum perigo de queimadura nos seus médiuns. Outros costumam queimar a pólvora nas mãos, utilizando também o charuto aceso, sem deixar qualquer vestígio.

Na doutrina das sessões-de-jiro, depois de cumprida a missão na terra, existem caboclos que só trabalham invisíveis, não se manifestando nos seus médiuns. Tais espíritos, segundo dizem, já estão num grau de elevação muito grande e não podem mais se incorporar, ficando outros designados para suprirem a falta em relação ao contato com os filhos-da-casa. Conheecemos um caboclo de nome Cana Verde que, durante muitos anos levou praticando a caridade a todos que dela necessitassem. Cumprido o período da sua missão, avisou que iria "subir", ficando no seu lugar outro índio que passou a trabalhar incorporado no seu médium. No dia da despedida, houve uma sessão solene em sua homenagem, tendo a mesa ornamentada de flores totalmente alvas. Depois que ele se "desligou", aquelas flores foram distribuídas entre os presentes para que as guardasse por tempo indeterminado, servindo de elo entre ele e os filhos-da-casa para as horas de necessidade. Durante a sessão solene, as pessoas videntes afirmavam ver o caboclo Cana Verde cercado por uma auréola de luz, suspenso da terra, pairando no ar, um sinal evidente de que, na realidade um referido espírito estava totalmente "desligado" da terra e só através de outros mensageiros espirituais poderia comunicar-se com os encarnados. A partir daquela data, nunca mais o Caboclo Cana Verde apareceu no seu médium. Não sabemos até que ponto poderemos entender tais mistérios e não temos a intensão de discutir aquilo que os videntes estavam vendo ou não.

Segundo fomos informados quando um caboclo pretende deixar de manifestar-se em um médium, avisa com antecedência. Eles não deixam de "baixar" inesperadamente, salvo se houver motivos para tanto, como no caso de castigo no seu médium, quando o mesmo é desobediente e não cumpre aquilo que ele detriminou. Quando se trata de elevação espiritual a coisa é programada, para que todos possam aproveitar as "benedições" daquele caboclo, até chegar o dia do seu retorno definitivo ao espaço. No candomblé-de-caboclo, nem sempre acontece este fenômeno. Talvez por causa da doutrina recebida pelos caboclos, que é bastante diferente daquela dada nas sessões quer sejam de-jiro ou Kardecistas. É sabido que nos candomblés, ressalvadas algumas coisas, o caboclo é quase tratado como um orixá, no que tange às oferendas e ao comportamento, embora não seja um tratamento igual ao daqueles que foram doutrinados noutra linha. No candomblé, os caboclos continuam por toda a vida do médium, só o abandonando depois que ele morre. Mesmo tendo muitos anos de "trabalho" praticando a caridade, não deixam de aceitar as aves e as frutas que lhes são destinadas. O comportamento só difere no ponto de vista de apresentarem-se mais domesticados com o decorrer do tempo. Fora isto não muda em nada a maneira de se conduzirem, enquanto os caboclos, doutrinados nas sessões espíritas, têm um comportamento diferente de acordo com o tempo de manifestação. Existem caboclos que no início das suas manifestações, ao chegarem, procuram cha-

ruto para fumar, gostam de beber cerveja e com o decorrer do tempo, muitos abandonam tudo aquilo que possa levá-los a se identificarem com a matéria. Quando chegam, não bebem nem fumam mais, pois para isto são doutrinados, a fim de que tomem plena consciência do seu *eu* espiritual. Alguns desenvolvem uma linguagem tal que muitas vezes são confundidos com o próprio médium ao conversarem com as pessoas, mas, para chegarem a esse ponto, existe um estágio de anos e anos. Não é com uma década que eles se transformam, aliás se lapidam, para chegar até aí. Nem sempre, porém, todos os caboclos conseguem atingir esse grau de elevação. Alguns, apesar de terem muita luz e praticarem a caridade de modo irrestrito, não chegam a obter, quanto ao comportamento, tudo isso que foi dito.

Nos trabalhos dos caboclos, dificilmente entra a comercialização. É regra geral, quer seja no candomblé, quer seja na sessão-de-jiro, o "trabalho" do caboclo sempre é gratuito, muitas vezes tirando dinheiro dos próprios médiuns para dar aos necessitados. Dificilmente um caboclo cobra por qualquer serviço que faça em benefício de alguém. O normal é trabalhar de graça, aguardando receber em luzes tudo que fizeram, a fim de galgar um degrau mais alto junto a Deus.

SENTIMENTO PATRIÓTICO DOS CABOCLOS

É comum ouvir-se, nos candomblés-de-caboclo, cantigas mencionando nos seus versos uma certa exaltação ao lugar de nascimento dos índios. Por exemplo: "Sou brasileiro/Sou brasileiro, imperador/Sou brasileiro, o que é que eu sou?" Outra: "Minha mãe é brasileira/o meu pai imperador/ Eu sou brasileiro. brasileiro o que é que eu sou?" Mais uma: "Brasileiro é sina/ que Deus me deu/nasci no Brasil/Brasileiro sou eu". Existe uma saudação à Bandeira do Brasil, à moda do índio. Eis: "O verde é esperança/Amarelo é desespero/Azul é a liberdade dos caboclos brasileiros".

Pode-se deduzir que o caboclo se orgulha de ter nascido no Brasil — senhor absoluto da terra que ele canta, deixando claro o seu sentimento de patriotismo. Noutras cantigas deixa evidente a posse de tudo quanto existe na sua terra. Por exemplo: "Meu lajedo é muito grande de pedrinha miúda". Outra, cita talvez as três raças que formaram a maioria do povo brasileiro: "Três pedras, três pedras/Dentro desta aldeia/Uma maior, outra menor/ A mais pequena é que nos alumeia". Sentimos neste verso a citação das três raças: a negra, a branca e a indígena, sendo que essa última está mencionada na derradeira estrofe "a mais pequena é que nos alumeia", em relação à minoria a que ficaram reduzidos, mas, no entanto, na condição de donos da terra, consideram-se a pedra mais luminosa.

Quando os terreiros fazem "festas" para os caboclos, na hora em que eles saem paramentados, geralmente canta-se: "De lá vem vindo, de

lá vem só/ de lá vem vindo, a força maior". Nesta cantiga, interpretamos os caboclos como a força maior, lembrando aos forasteiros, no caso os portugueses e africanos, que eles seriam a força maior no sentido de dominarem o território que lhes pertence. Outra cantiga, na qual percebemos a autoridade do índio sobre as outras nações, é: "Não corte capim aí, capineiro/Só corte quando eu mandar". Aqui entendemos que eles estariam lembrando aos africanos que só com a ordem deles poderão fazer qualquer coisa.

Isto talvez esteja diretamente ligado ao processo de "raspar a cabeça", pois nas entrelinhas, nota-se que o capim mencionado é o cabelo que é tirado na iniciação religiosa das nações africanas que para aqui vieram.



Aspecto do 2 de julho, data de grande importância para os candomblés de caboclo.

RELIGIOSITY OF THE BRAZILIAN AMERINDIAN IN THE CANDOMBLÉ OF BAHIA: AFRICAN AND EUROPEAN INFLUENCES

Innumerable research works have been made concerning the candomblé in Bahia, but the presence of the Brazilian Amerindian or "caboclo" is little remembered. The attentions were directed to the "terreiros" of African cult, with some researchers making light quotations over the candomblé-de-caboclo which is compared with the African cults only through the drummings and traditional rythms of the "terreiros" of Angola. These resemblances are probably due to the interplay between the natives and the Bantu people brought to colonial Brazil.

The ritual of the candomblé-de-caboclo has its own characteristics. Its songs, dances, offerings and clothing are quite different from everything there is in the rituals of African origins. So, we can name them Brazilian candomblés.

RELIGIOSITÉ DE L'AMÉRIDIEEN BRÉSILIEEN DANS LE CANDOMBLÉ DE BAHIA. INFLUENCES AFRICAINE ET EUROPÉEN

De nombreux ouvrages de recherche concernant le candomblé à Bahia ont été publiés, mais la présence de l'Amériidien ou "caboclo" a été rarement mentionné. L'intérêt s'est surtout porté vers les "terreiros" de cultes africains, quelques enquêteurs faisant de brèves références au "candomblé-de-caboclo" qui n'est comparé avec l'africain que par les rythmes traditionnels des "terreiros angolais". Ce semble avoir été résultat de l'action réciproque entre les Amériidiens et les Noirs bantous amenés au Brésil.

Le rituel du "candomblé-de-caboclo" possède des caractéristiques totalement différentes de ceux qui existent dans les rituels d'origine africaine. Nous pourrions donc l'appeler "candomblé brésilien".